

# Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO V — N.º 253 — Domingo, 13 de Abril de 1958

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e de comércio

Telefone 12

posto em Vila:

MANUEL DE SILVA DOMINGUES



## CARTA DE LONGE

# SAGRES

## E A UNIVERSIDADE DOS DESCOBRIMENTOS

**A** CRIAÇÃO da Escola de Altos Estudos — Universidade dos Descobrimentos — instalada pelos espanhóis em La Rábida, donde partiu Colombo para a descoberta da América, é um exemplo a seguir, quanto à forma de prestar homenagem ao insigne

J. DE CARVALHO E RÊGO

príncipe das descobertas, barão ilustre, que o seu sonho materealizou na descoberta de novos mundos, espalhando por toda a parte o nome de Portugal.

Mas assim como os espanhóis escolheram La Rábida para a fundação da «Universidade dos Descobrimentos», não será lógico, inteligente e natural que seja Sagres o local indicado para a idêntica Escola, simular universidade? Não foi o Infante D. Henrique o grande mestre dos descobrimentos? E não foi em Sagres que Ele se instalou, frente ao mar, para daí dirigir o mais notável empreendimento da sua época? Não merece a vila do Infante o carinho de todos os portugueses, para que dela se faça uma cidade no estilo da época, conservando, é claro, o que existe, como jóias daquele tempo afortunado?

## PROTECÇÃO

às árvores de fruto e cultura do Algarve

Mediante proposta da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas foi, pelo sr. Ministro da Economia, publicada no «Diário do Governo» uma portaria determinando que, ao abrigo do disposto no Art.º 2.º do Decreto-Lei n.º 28.611, de 22 de Abril de 1953, seja tornado obrigatório, em toda a Província do Algarve, o combate contra cochonilhas graves, que atacam as árvores de fruto e outras culturas.

## UMA VELHA ASPIRAÇÃO

### A PRONTA INTEGRAÇÃO DO SÍTIO DE

### BRANCANES DA FREGUESIA DE QUELFES

### NA FREGUESIA E VILA DE OLHÃO

**C**ONFORME já vários periódicos têm noticiado, urge dar solução adequada e imediata ao problema, deveras lamentável, que vem decorrendo em prejuízo dos paroquianos da freguesia de Quelfes, moradores no Sítio de Brancanes, os quais muito justa e compreensivelmente desejam a pronta integração do referido Sítio na freguesia de Olhão.

Como é do conhecimento geral, a freguesia de Nossa Senhora do Rosário de Olhão, única do concelho, com sede naquela vila, estende-se presentemente; na direcção norte-sul, desde o mar até à Estrada Nacional; na direcção este-oeste desde o chamado Caneiro do Brejo,



O local assinalado pela cruz é onde estão instalados os serviços da Junta de Freguesia de Olhão

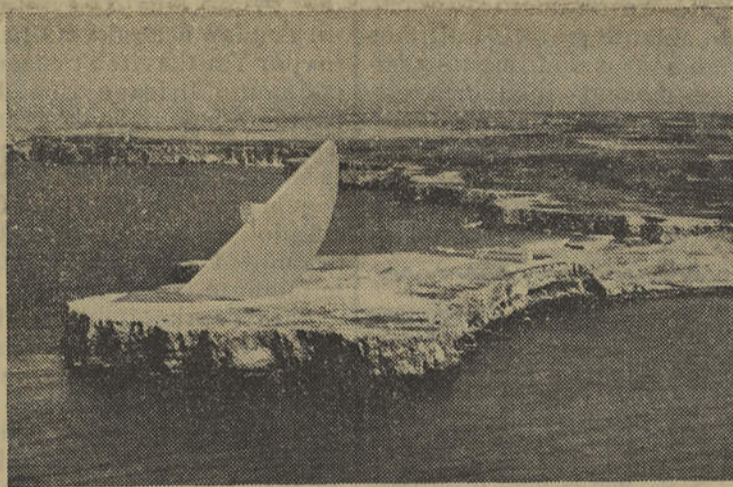
jo, até a uma vala que corre a oeste do edifício onde se encontra instalada a Cadeia da Comarca. Toda a área já urbanizada da vila de Olhão, que fica a norte da referida Estrada Nacional e a oeste do Caneiro do Brejo, pertencem à freguesia de Quelfes, cuja sede fica na povoação do mesmo nome, a cerca de 4 kms., 5 de distância, pelo que, não se justifica que o Sítio de Brancanes esteja integrado na freguesia de Quelfes, pois, fica mais próximo da freguesia de Olhão. A verdade,

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## QUADRA

ÀS VEZES, MESMO SEM QUERER, QUANDO SE FOGE À VERDADE, A MENTIRA NOS FAZ VER A NÚ A REALIDADE.

D. R.



Um dos projectos aprovados do Monumento ao Infante «MAR NOVO» da autoria do arquitecto Cassiano Branco

Tem sido com verdadeira mágoa que daqui, de tão longe, temos lido os brados da imprensa algarvia exigindo, com clara e justa razão, a construção, em Sagres, do monumento ao Infante D. Henrique.

Mas qual será o lugar indicado

para a construção do encantado monumento, a não ser no lugar onde o Infante se instalou para os seus estudos, criando a mais ilustre escola de navegação de todos os tempos?

A controvérsia criada à volta

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)



apresenta

## UMA CRÓICA

por semana

**P**ARECE a muito boa gente que o emprego de capitais estrangeiros nos empreendimentos nacionais, ou até mesmo a instalação de firmas estrangei-

ras em território nacional, prejudicam altamente os interesses económicos do País. Não estamos com aqueles que assim pensam.

Se é certo ser muito melhor que tanto o capital como a mão-de-obra sejam nacionais em qualquer indústria que entre nós se instale, não devemos ficar estáticos e desprezar os braços que se estendem quando iniciativa ou a capacidade nacionais não querem ou não podem trazer à Nação o que ela necessita.

Qualquer empresa estrangeira estabelecida entre nós, proporcionando trabalho a operários e empregados portugueses, deixará ficar no nosso país muito maior quantidade de numerário e de valores, do

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## Comparticipações

para o Algarve

Pelo sr. Ministro das Obras Públicas foram ultimamente concedidas as seguintes participações para o Algarve:

À Associação dos Bombeiros de Vila Real de Santo António foi concedido um subsídio de 50.000\$; para a construção do quartel da mesma benemérita corporação, obra orçada em 630.000\$00 e por cuja efectivação muitíssimo tem pugnado o dedicado comandante da corporação, nosso prezado amigo sr. Luís Cardoso de Figueiredo.

À Junta de Província do Algarve, um reforço de 100.000\$00, para a construção em Faro do seu edifício-sede.

À Santa Casa da Misericórdia de Loulé, um reforço de 63.536\$20, com destino à aquisição de mobi-

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

## UM IMPORTANTE DIPLOMA

RELATIVO À INDÚSTRIA DA PESCA

Pelo Ministério da Marinha, foi publicado no «Diário do Governo» um decreto-lei determinando que, à semelhança de medidas já tomadas para algumas pescas, seja condição indispensável à renovação da matrícula de campanhas das embarcações das pescas sujeitas a regimes de condicionamento que essas embarcações tenham exercido a sua actividade, na pesca em que se encontram registadas, durante, pelo menos, doze dos trinta e seis meses imediatamente anteriores à data do pedido de renovação. Os navios da pesca do bacalhau, para efeitos desta disposição, necessitam apenas de ter efectuado uma safra nos três meses imediatamente anteriores à data do pedido de renovação. Em casos de força maior, devidamente comprovados e reconhecidos como tais, poderá o ministro da Marinha reduzir as condições relativas ao tempo mínimo da referida actividade das embarcações.

As autorizações para construção de novas embarcações que tenham por fim substituir unidades de pesca submetidas a regime de condicionamento não poderão

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## PORTUGAL NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL E INTERNACIONAL DE BRUXELAS

**D**EZENAS de artistas decoradores e operários portugueses ultimam, em Bruxelas, na Exposição Universal e Internacional, os trabalhos do Pavilhão do nosso País que foi um dos que mais cedo se construíram e será também dos primeiros a ficar concluído para a inauguração solene do grande certame, no próximo dia 17.

Todo o material de deco-

## FESTA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE EM LOULÉ

Conforme é tradição, realiza-se no próximo dia 20 na vila de Loulé a tradicional festa de Nossa Senhora da Piedade, que é das mais importantes e concorridas romarias desta província.

ração, feito em Lisboa por seis equipas dos artistas mais experimentados nesses trabalhos encontra-se já no local, transportado em cerca de 200 caixotes de grandes dimensões. Valiosíssimas obras de arte, peças raras de museu, livros manuscritos, documentos históricos e das actividades industriais que vão guarnecer as várias secções do Pavilhão de Portugal têm seguido também regularmente para a capital belga, e vão constituir certamente motivo de muito interesse para os visitantes da Exposição.

Para que tudo esteja pronto no prazo previsto, trabalhe-se, dia e noite, no nosso Pavilhão sob a orientação superior dos comissários da

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## ALGARVE EM FLOR

# PRAIAS DE ESPUMA

## E ENCOSTAS DE FLORES

**A** MONTANHEIRA já ia longe, a perder-se de vista numa volta fechada, quando se virou para trás e gritou: — O senhor não ouve? — Oiço, sim senhora. Diga!

PELO DR. CABRAL ADÃO

— Não é capaz de me mandar o retrato? Já agora... — Com muito gosto. Onde mora? Como se chama? — Em Alte. Entre Salir e S. Bartolomeu de Messines, terras de montanhese. Sou Maria do Carmo. Não há lá outra. — Fique descansada — disse. E seguimos o nosso rumo, estrada fora.

Minha filha Manuela encantava-se com um pequeno rebanho de ovelhas, atufadas em lã branca e macia que era um consolo afagadoras. O pastor envaidece-se com os elogios ao gado. Bato mais um instante, para os belos exemplares laníferos do Algarve virem figurar no meu feixe de lembranças.

## TEMAS DE CULTURA

### CINCO PERGUNTAS AO POETA ANTÓNIO PIRES

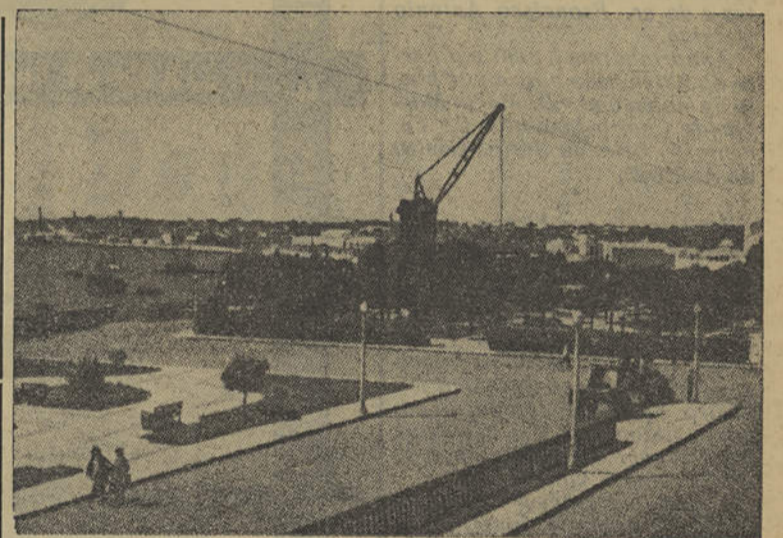
**C**OMO classifica a atitude dos editores, com a não aceitação de livros de poesia?

— Os editores têm em grande parte razão. A nossa juventude esqueceu totalmente a versão do espírito. Nada existe senão futebol — digo a maioria.

## A NOVA CADEIA COMARCÁ DE FARO

Pela quantia de 50.400\$00, foi encarregado de elaborar o projecto da cadeia comarcá de Faro, o sr. arquitecto Raul Rodrigues Lima.

Conforme já foi noticiado o edifício ficará situado entre a estrada de Loulé e a linha férrea.



PORTIMÃO — JARDIM PÚBLICO

A' esquerda, Quarteira. É uma praia de transição, da costa rasa de Faro para a escarpa do extremo poente. Alinham-se vivendas bonitas na avenida marginal. Bar-

cos semelhantes aos nossos descansam na areia fina e alvadia. Nome dum deles: Dv. ESPÍRITO SANTO. As ondas são brancas, espelhando o sol que as bate de frente, e vêm desfazer-se em legos de espuma, que se esvai logo pelos interstícios da areia, como envergonhadas...

Em ascensão, de costas ao mar, mas agora para o interior demandar Loulé, a pátria de Duarte Pacheco e de muitos amigos meus. O terreno acidentado, ondulado por colinas suaves, onde os fragmentos de calcário cinza, dispersos nos matos ou aglutinados em muros divisórios, fazem recordar a orografia de Fátima. Sucedem-

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)



## A LEI É DURA...

**M**ODO o mundo acompanhou o drama da rainha Soraya. Movimentaram-se massas anónimas chorando a dor dessa belíssima mulher e dispen-

sando-lhe o calor de uma afeição até então reservada. O Xá, no entanto, contém os cronistas mundiais, esse continuará a passear por jardins...

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## Notícias PESSOAIS

### Partidas e Chegadas

Seguiu para o Norte em viagem de estudo, o nosso prezado amigo sr. dr. José Pimenta Formosinho, distinto Director do Museu Regional de Lagos.

Acompanhado de sua esposa e gentil filha, encontra-se nesta vila o nosso estimado amigo e assinante na capital, sr. dr. Diamantino Duarte Baltazar, filho do nosso prezado amigo sr. Diamantino M. Baltazar.

Com pouca demora, esteve nesta vila o nosso prezado amigo sr. Damião Carrilho Medeiros.

Afim de assistir ao casamento de sua irmã, esteve em Lisboa o nosso prezado amigo sr. António Ribeiro Clemente.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção o nosso prezado assinante sr. António Mateus, residente em Gíves.

### Casamentos

Na Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Mártires em Castro Marim, realizou-se no passado dia 7 do corrente, o enlace matrimonial da sr.ª D. Guilhermina Simões Aguilera, filha da sr.ª D. Clara Medeiros e de sr. José Maria Aguilera dos Santos, com o sr. Norberto Carlos Pereira Leitão, filho da sr.ª D. Demeciana Pereira Leitão e do sr. Casimiro dos Leitões.

Apadrinharam o acto por parte da noiva seu irmão sr. Joaquim Medeiros dos Santos e a sr.ª D. Maria do Carmo Simão Gomes e por parte do noivo seus primos, sr.ª D. Maria da Encarnação Pereira Domingues e sr. José Norberto Pereira Domingues.

Após o copo de água na casa da noiva, os noivos seguiram em viagem de núpcias.

Em Lisboa na Igreja das Mercês, realizou-se o casamento do sr. António José Batista Barão, filho da sr.ª D. Ana Lopes Batista Barão e do nosso prezado amigo sr. José Barão, director do nosso colega local, com a sr.ª D. Maria Antónia Quintas, filha da sr.ª D. Maria Inês Quintas e do sr. Francisco António Quintas.

Apadrinharam o acto por parte do noivo seus pais e por parte da noiva a sr.ª D. Maria Margarida Coelho Junça e o 2.º Tenente sr. Orlando Sátrio Coelho de Andrade.

Igualmente em Lisboa, realizou-se o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria de Lourdes Ribeiro Clemente, professora oficial, filha da sr.ª D. Josefa Mourão Ribeiro Clemente e do sr. Francisco Neves Clemente, já falecido, com o sr. José Germano Pinheiro Varão, funcionário público, filho da sr.ª D. Catarina Dias Pinheiro, já falecida, e do sr. Domingos Varão.

Foram padrinhos por parte da noiva seu irmão sr. João Miguel Ribeiro Clemente e sua esposa e por parte do noivo sua irmã sr.ª D. Matilde Pinheiro Varão Proença e seu esposo.

Assinal e propague "Notícias do Algarve"

## HERDADE NO ALGARVE

Vende-se, denominada Monte do Sol e anexas, situada na freguesia de Alcoutim, com a área de 162 hectares, composta de boas terras de cultura, montado, bastante olival, grande amendoeira em plena produção, hortas com pomar de laranjeiras e outras árvores de fruto. com casa própria, poços com boa e abundante água, em parte banhada pelo Rio Guadiana, com bom Monte de Habitação e dependências agrícolas, e tem ligação telefónica privativa n.º 1002 de Alcoutim.

Podem ser vista aos domingos, a partir de 23 de Março.

Dirigir proposta ao Dr. José Gonçalves Fagulha, Beja, que reserva o direito de as não considerar, se não lhe convierem.

## Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António Anúncio

Faz-se público que no dia 30 de Abril de 1958, pelas 15 horas na Sala de Reuniões do Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados, perante a Comissão para esse fim nomeada, se procederá ao Concurso Público para a arrematação da obra de «Construção de um Posto de Chegada e Seccionamento a 30 KV».

Base de licitação . . . . . 173.781\$50

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter feito na Caixa Geral de Depósitos, suas filiais ou delegações o depósito provisório de 4.345\$00, mediante guia passada pelo concorrente.

O depósito definitivo será de 5% da importância da adjudicação.

As propostas, devidamente instruídas, serão enviadas pelo correio, em carta registada, até quarenta e oito horas antes da hora fixada para o concurso.

O programa do concurso e o projecto estão patentes todos os dias úteis durante as horas de expediente, na Secretaria destes Serviços.

Vila Real de Santo António, 5 de Abril de 1958.

O Presidente do Conselho de Administração,

Pedro Martins Socorro

**MERCEDES-BENZ**

**MOTORES MARÍTIMOS E INDUSTRIAIS**

**Diesel**

**DE 25 A 225 H.P. ENTREGA IMEDIATA**

**POTÊNCIA SUPERIOR ATÉ 1350 H. P. ENTREGA RÁPIDA**

**C. SANTOS LDA**  
DIVISÃO MARÍTIMA E TÉCNICA

TRAVESSA DA GLÓRIA, 17 - LISBOA  
R. STA. CATARINA, 160-168 - PORTO

R. Dr. Teófilo Braga, 50

Vila Real de Santo António

## Câmara Municipal de Vila Real de Santo António Casino de Monte Gordo

Aceitam-se propostas para a exploração do CASINO OCEANO DE MONTE GORDO, durante a época balnear do corrente ano, até às 17 horas do dia 30 de Abril corrente.

As condições encontram-se patentes na Secretaria desta Câmara Municipal.

Vila Real de Santo António, 9 de Abril de 1958.

O Presidente da Câmara,

Matias Sanches

## A PROPÓSITO DO FILME A EXIBIR NO CINE-FOZ

## "OTHELLO"—U. R. S. S.

TORNA-SE bastante difícil, para nós, localizarmos «Othello» no panorama da cinematografia russa, pelo simples facto, de desconhecermos completamente o cinema soviético. O primeiro contacto, tomado com ele, foi através de «D. Quixote». Se bem que, não possa considerar, «D. Quixote», de Kozintsev, um filme decepcionante, ele ficou um pouco, além da minha expectativa, motivada pelo grande prestígio do cinema russo. O progresso cinematográfico da narrativa de «D. Quixote» é nitidamente literário e bastante lento. Os últimos momentos do filme tornam-se mesmo insuportáveis. Creio que, o maior interesse de «D. Quixote» reside no emprego da cor, sóbria, mas de notável intensidade dramática e na excepcional interpretação do actor Tcherkassov. De resto, poderá considerar-se um filme médio.

## O Sr. Presidente da Câmara inaugurou a Exposição DO CINE-CLUBE LOCAL

No passado domingo, dia 6, como informámos os nossos leitores, foi inaugurada a Exposição comemorativa do 3.º aniversário do Cine-Clube desta vila.

No acto, que teve lugar às onze horas, usaram da palavra o sr. Dr. José Colaço Fernandes, presidente da Direcção do Cine-Clube, que cumprimentou os presentes e analisou a situação da sua colectividade e o objectivo da Exposição, e o Sr. Presidente do Município, que disse sentir-se satisfeito por verificar a boa actividade desenvolvida pelo Cine-Clube, ao qual prometeu auxiliar na medida do possível. O Sr. Matias Gomes Sanches cortou a seguir a fita que vedava a entrada no recinto da Exposição inaugurando esta, que percorreu atentamente, elogiando no fim da visita o esforço e o gosto artístico que a mesma denotava.

Estavam também presentes os Srs. Pedro Martins Socorro, Vice-Presidente da Câmara, chefe do Posto da P. I. D. E., Comandante Luís Cardoso de Figueiredo, dos Bombeiros Voluntários, representantes da Imprensa, Escuteiros e Clubes desportivos e recreativos.

A exposição consta de inúmeros gráficos e programas de Cine-Clube artisticamente dispostos sobre placas, com interessante decoração das Sras. D. Maria Angela Pereira e D. Emília Carmem Xavier, além de muitos livros e revistas sobre cinema, e é encerrada na tarde de hoje.

## As mais lindas Rosas de Portugal

## As mais famosas árvores de fruto

Árvores florestais—Construção de Jardins e Parques  
Consulte o nosso catálogo que é enviado grátis

Merceria da Silva & F.ª L.ª

Rua D. Manuel II, 55—PORTO

## BEBA BRANDE A QUALQUER HORA. MAS BEBA BOM.

**BEBA KOPKE!**

— 1638 —

Por outro lado «Othello», deixou-me francamente impressionado. A sua realização difere bastante das restantes adaptações cinematográficas do teatro de Shakespeare: da grandiosidade cénica da «Hamlet» de um Olivier; da concepção expressionista do «Othello» e do «Mackbeth» de um Wells; ou do riqueza plástica do «dècor», estruturalmente pictural, do «Romeu e Julieta», de um Renato Castellini. A adaptação do «Othello» por Youtkévitch é essencialmente lírica e rica do profundidade psicológica. Toda a base do filme, assenta sobre a análise da personagem de Othello, beneficiando duma progressão dramática traduzindo perfeitamente o seu drama.

Para Youtkévitch Othello não é um ciumento dasepiado. Antes de tudo, Othello, é um individuo íntegro e confiante, que vê a sua tranquilidade interior ameaçada pelas intrigas de Iago, Othello confia em Iago porque o crê honesto. «Que homem de honestidade tão rara?» Dirá mais tarde Othello referindo-se a Iago. Eis o seu drama. O seu desespero e a perda da sua paz interior leva-o ao assassinio da inocente Desdémone. Reconhecendo o seu erro, Othello é de novo um homem lúcido e coerente. Mas só poderá encontrar a paz na morte. Youtkévitch dá-nos na verdade uma figura de Othello bastante humana e cheia de densidade poética.

Na adaptação ao cinema desta versão de «Othello» custa a distinguir-se a influência da encenação teatral, que, pode dizer-se, é pouca ou quase nenhuma. Othello é quase totalmente rodado em exteriores, onde, a cor densa e a música de Katchatourian, jogam com notáveis efeitos plásticos. Youtkévitch, mantém a câmara sempre em movimento, por vezes discretamente, proporcionando-nos expressivos enquadramentos. Que dizer da interpretação? Serge Bondartchouk não será um Othello tão espectacular e brilhante como Orson Wells, mas Bondartchouk dentro da sua sobriedade atinge uma interpretação bastante segura e distinta. Popov interpreta diabólicamente bem a personagem de Iago. Quando a Irina Rkobseva parece nitidamente fraca. Mas em parte a culpa é da figura apagada que Desdémone representa. «Othello» é sem dúvida um belo filme, cheio de lirismo e que nos dá bem a medida da alta qualidade de cinema russo.

David Lopes

Assinal e propague "Notícias do Algarve"

## AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 5 a 11 de Abril.

### Entrados:

MARIA CHRISTINA, Português, de 549 ton., ZE' MANEL, Português, de 926 ton., e MIRA TERRA, Português, de 562 ton., todos de Lisboa, vazios.

GRANDSON, Sulco, de 616 ton., de Leixões, com carga em trânsito.

### Saídos:

STARLING, para Avonmouth, com alfarroba.

RIMBERG, para Roterão, com minério.

MARIA CHRISTINA, ZE' MANEL e MIRA TERRA, todos para Lisboa, com minério.

GRANDSON, para Livorno e Génova, com conservas.

### FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 12 a 18 de Abril a Farmácia CARMO, Rua S. João do Brito — Telefone, 64.

## COMPARTICIPAÇÕES PARA O ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

liário e equipamento destinado ao seu Hospital de Nossa Senhora dos Pobres.

A Comissão Municipal de Assistência de Loulé, um reforço de 66.850\$00, para a construção do Centro de Assistência Social Polivalente.

A Santa Casa da Misericórdia de Olhão, um reforço de 60.000\$; para a construção do Centro de Assistência Social Polivalente.

A Câmara Municipal de Alcoutim, um reforço de 20.000\$00 para a construção do cemitério da freguesia de Martinlongo.

A Câmara Municipal de Monchique, um reforço de 80.000\$00, para a adaptação de um edifício a Paços do Concelho.

A Câmara Municipal de Tavira, um reforço de 40.000\$00 para a reconstrução e ampliação em curso do edifício dos Paços do Concelho.

## DESPEDIDA

Manuel Fernando Gorreia Salvador

Vem por este meio, despedir-se de todas as pessoas das suas relações e prezados clientes, que por insuficiência de tempo não foi possível apresentar as suas despedidas, oferecendo os seus préstimos em Santos (Brasil).

## SAHARA

A LÂMINA ALEMÃ QUE LHE PROPORCIONA UMA BARBA BEM FEITA, DE CORTE SUAVE E AGRADÁVEL E LHE OFERECE NOTAS DE 50000 100500 50500 E 20500 I SE ENCONTRA A SENHA SAHARA TROQUE-A PELO PRÊMIO CORRESPONDENTE



Agente Distrital: José Dias Costa Júnior

TELEFONE 307

Assinal e propague "Notícias do Algarve" Rua Abdoim Ascensão, 33 — FARO

## "SOL ENTRE NUVENS"

romance de J. DORES

— PARA LER, DISCUTIR E PENSAR... —

— REALISMO E HUMANIDADE — À VENDA NO:

## "BAZAR MIMI"

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Esc. 20\$00

## Cinco Perguntas

# AO POETA ANTÓNIO PIRES

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

sidera a melhor presença numa biblioteca, podendo citar poetas brasileiros?

— Junqueiro e Antero de Quental. Dos brasileiros: o Olavo Bilac e Manuel Bandeira. Junqueiro é tudo...!

— Acha que a prosa se assenta mais como maneira cultural e de elevação espiritual, até com mais profundidade?

— Depende muito da boa prosa, do assunto... mas a poesia é a maior elevação. É também uma ciência filosófica.

— Sabendo que assistiu à exibição dos «Jograis de S. Paulo», no Teatro Nacional D. Maria II, acha que seria de interesse e valiosa a preparação dum grupo de portugueses para de igual modo divuigar em a Poesia portuguesa? Não seria até um despertar levando por todo o país o sentimento poético da nossa Pátria?

Absolutamente! Já disse tudo. Os «Jograis de S. Paulo» animaram já alguns sectores, os mesmos de sempre é claro. Creia que me entristece ver a poesia caída no esquecimento. Se houvesse um grupo de voluntariosos jovens que se lançassem, era estupendo. Tenho a certeza que só lucrariam!

Depois de três livros, um outro quase pronto a sair, pensa António Pires num 5.º?

Não! Termino com o quarto livro. Sinto-me francamente cansado. Deixo este meu livro entregue à nova geração. Para esses, vai to-

do o meu carinho em rasgos de espiritualidade, do impressionante que em horas amargas esgotei na minha existência. Que os novos cultivem a poesia. Que a desvedem na mais sincera elevação e a carinhem.

Obrigado António Pires! Que o seu quarto livro, «Espelho dos Sentidos», venha agradar como os anteriores que até se esgotaram. Felicidades, escreva sempre...

Depois destas cinco perguntas a António Pires, poeta da casa dos 50 anos, autor de «Claridades do Norte» saído em 1942 com o qual se candidatou aos Prémios Literários do S. N. I.; «Quimeras Desfolhadas» 1949, prefaciado pelo Dr. João de Barros; «Beleza Ardente» 1951, com prefácio de Vieira Lourenço. Para fim, o quarto livro, «Espelho dos Sentidos», com prefácio de D. Francisco de Nordinha e capa de Carlos Botelho.

António Pires, é o clássico, o sonetista brilhante. Os seus sonetos fulgurantes, têm por vezes rasgos de Junqueiro. Sonetos e poemas longos — toda a obra literária de António Pires é profundamente filosófica. Ela essenta numa estrutura não ocasional, toda, e só própria dum grande poeta: firme a viver a hostilidade do espirito.

Vejamos então dois sonetos do poeta transmontano. O primeiro de «Claridades do Norte», o segundo de «Espelho dos Sentidos» a sair no próximo ano:

## AS DUAS ARANHAS

A mais antiga, dentre as duas, disse assim:

— Fui uma tecedeira rara e progressiva, insigne, habilidosa, estuta, sempre activa, memorável, fazendo teias de setim...

Repara, minha Amiga, olha bem para mim: Nunca sejas vaidosa de indole impulsiva; tu és muito mais nova e eu, já instrutiva, ensino-te a Moral bem perto do meu fim.

Sê honesta, bondosa e muito previdente; trabalha com amor e viverás contente; Sê franca, que a Verdade é jóia desejada;

A outra, atentamente, ouvindo-a comovida, Disse: — Não vale a pena, irmã escarnecida, o ser-se nesta vida máxima doirada!

«Claridades do Norte»

## MELANCÓLICO

Ku canto o abismo negro dos mistérios, por onde fito viagens cruciantes, por onde, ainda, em mira a refrigério, vou procurar, vencidos, os errantes,

Sô a fulgência estranha dos etéreas, imarcescíveis, divinais, ovantes, Com seus «Te-Deums», profundos e sidéreos, enchem a alma de mágicos instantes.

Nem forma, nem Caminho, nem subida, ô labirinto de momento é lida, ô Cruz pesada — acérrima paixão!...

Sou, pois o melancólico dos sonhos, herméticos, fantásticos, medonhos, o grito escuro, que se extingue, em vão...

«Espelho dos Sentidos» (INÉDITO)

São cartas espirituais, alimentos são a reviverem numa língua famosa como a nossa.

Francisco Cota

## VAI A LISBOA?

VISITE A GRANDE EXPOSIÇÃO DE MOBILIÁRIO EM TODOS OS ESTILOS NOS VASTOS SALÕES DE

## MÓVEIS JANEL

NA RUA RODRIGUES SAMPAIO, 76 - A

## PRAIAS DE ESPUMA E ENCOSTAS DE FLORES

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

se pomares. Agora, as amendoeiras, abundantes, já estão em folhagem tenra. Mas os pessegueiros tomaram-lhes a dianteira em encanto de pétalas, na cor de róseo vivo que as pinta, no capricho de miniaturas de Saxe, adornando os ramitos desajeitados com verdadeira ternura. Mesclando-as, pimpas de brancura as macieiras, pereiras, alperceiros e fruteiras de toda a casta. Entram de rebentar em cónicos pinceis de folhas nascentes, as figueiras, na sua troncação esquelética. De forma que se podia fixar em três cores a bandeira da Primavera algarvia: verde, branco e rosa.

Chegamos a Loulé. Há um troço de avenida que nos sugere a urbanização das grandes capitais. Terra despenhada, ampla, progressiva, esta. Jardins, bustos, edifícios de circunstâncias. Mas um santuário surge ao fundo dum cruzamento de avenidas, que é a acrópole dos fastos louletanos e, generalizando, que é uma das alegorias mestras ao valor português: o monumento a Duarte Pacheco, o Ministro gigante que transformou a feição de Lisboa, e deixou a sua marca de engrandecimentos aos quatro cantos da nossa terra.

Um meio arco, por assentamento de quatro fiadas de pedra branca, com as pontas diametrais dentadas em degrau, rematando em escadarias dum e doutro lado, dá cercadura ao obelisco possante, cilíndrico, almofadado com as principais realizações do chorado Ministro das Obras Públicas, quebrado desastrosamente — como a sua vida — na marcha ascensional para maiores empreendimentos. Atrás, no cãncavo do arco emoldurante, estas palavras do Doutor Salazar, que define o seu homem de confiança e de irrefutável acção, o raro Homem que o não negou, nem à sua doutrina:

UMA VIDA VELOZMENTE VIVIDA E INTEIRAMENTE CONSAGRADA AO PROGRESSO PATRIO

Um instante de recolhimento lhe dedicamos e a Loulé, a relembrança dum pensamento de Camões: ditosa terra que tais filhos tem!

Toca a procurar a saída para Boliqueime, vendo uma esquina do velho castelo, no ângulo do casarão, a igreja de S. Francisco, com belas imagens, e, no jardim contíguo, o busto do dr. Ataíde Oliveira, erudito investigador do folclore algarvio.

Alal! Poço de Boliqueime, Fereiras e desvio para Silves, interessando-nos mais na meia encosta da serrania.

Arvoredos, matos, terras aráveis. Sabíamos que Silves tem um aspecto de encanto, quando se avista de qualquer parte. Sabíamos-la menina bonita no *Al-Gharb* de antanho, praça forte principal da província. Era necessário instituir um prémio para o primeiro de nós que a lobrigasse:

— Dois tostões de alvissaras!... Os olhos espertam, ao fim de cada curva ou lomba da estrada, para descobrir o velo d'ouro com primazia. Mas não há maneira! Faltam 5 quilómetros, 4... 3... 2... 1... — Ela aí está!

A cidade-ninho ressalta de brancura em nossa frente, sobre a protecção de postos alvi-negros da curva onde paramos para encher os olhos dessa terra histórica.

Assenta-lhe na frente um castelo da pátina ruiva, a recortar no horizonte a linha quebrada das suas ameias e torrelas. E pelos ombros do outeiro descem catadupas de casas brancas, com torres de igrejas e frontões de palácios alteando-se dos telhados múltiplos.

Vejam agora este outeiro assente no meio dum vale plaininho como as águas paradas, cortado por um rio — o Arade — este cortado por uma ponte, lá riba, com tapestarias de laranjais rodando-lhe os pés, vale encaixado em lambris de montes, e digam-me se Silves é ou não um encantol!...

Não lhe devassamos o conhecimento íntimo. Basta-nos esta impressão de mirante, afastados como dum quadro a óleo. O tempo escasseia e Portimão espera-nos. Desce-se para Lagoa, onde a nossa estimada Fernandinha Carnot recomendara uma visita a pessoa amiga. Não pode ser! Apenas uma fotografia a uma «buvette» em que me desседento, no jardim triangular defronte da igreja, e corremos para a nova-rica do Barlavento, essa Portimão de tanta fama e projecção, em Portugal e no estrangeiro.

Cá voltamos a encontrar o Arade, para o galgar em ponte e pomos pé nas largas avenidas da cidade moderna. Muita gente nos jardins — é domingo. Ruas lavadas, largas, casas de aspecto. Muitos armazéns, lojas comerciais, fábricas, chaminés, sirenes.

Paragem ligeira e continuamos para a Praia da Rocha, a dois passos. Aí, demoraríamos quatro horas.

Somos chegados à avenida marginal que acompanha, de alto, os contornos das praias. Manda a verdade e a sinceridade que eu aqui manifeste não a decepção, mas a falta de correspondência do aspecto verificado com a maravilha que nos diziam de tão decantada praia (purementemente a praia). Ou que fosse pela viveza da preamar, que não deixava senão umas nesgas ridículas de areal para se caminhar por ele; ou que fosse pelo aspecto mesquinho dum velho casarão deixado em meio (destinado a um hotel, segundo me parece) em plena esplanada de hotéis e villas de cheiro cosmopolita; ou que fosse pelo mês de hibernação (Fevereiro) em que ali fui — não consegui, de chofre, encontrar a Praia da Rocha!

Pacientemente, abandonando as primeiras impressões, corri ao terminus da avenida, onde o panorama da foz do Arade, mais um canal oceânico que fluvial, com os seus molhes de quebra-mar, a beleza da outra margem posponhada de povoações com igrejas esbeltas, me suavizou a avidez do belo.

Entramos num forte da antiga defesa da barra, ricamente adaptado a restaurante, com entrada livre para o miradouro chamado de Santa Catarina. Da amurada contemplo o mar, sempre mais ou menos revoltoso, escachando espumas contra o recorte da costa fragmentada em rochedos altos, de silhuetas apocalíticas.

Lembro-me dos Três Ursos e do Arco do Triunfo, em que uma distinta senhora e fina poetisa de Setúbal, amante dessas paragens como ninguém, me falava constantemente. Vejo-me aflito para os encontrar. Até que me dirijo ao guarda do Casino, vivendo nos baixos do edifício com a família.

— O senhor não me pode informar onde são os tais ursos dos retratos, isto é, as rochas com forma de ursos, erguidos sobre as patas, assentando as dianteiras nos ombros uns dos outros?

— Sim senhor! — respondeu-me, gentil, com uma pronúncia difícil, por via dum denteadura desfalçada. — O senhor vê além aquele esporão da ponta? É o leixão do Soldado. Mais cá o do Camelo. Depois, os Três Ursos, o leixão do Ti Avellino, o do Hotel Velho e o da Pela. Para o senhor ir aos Três Ursos, desce ali pelas escadinhas ao de lá do Hotel da Bela Vista. Quando chegar ao real logo os topa.

Lá fui e reconhecí os leixões ursomorfos, dois arcos de perfuração em fraguados altos, semelhante a pórtilhos, e vários tipos de erosões marítima em curiosas semelhanças com esculturas, arquitecaturas, altos relevos, filigranas e caprichos de toda a ordem.

Voltamos à zona urbana, onde admiramos a intensa vida turística que os grandes hotéis, as pensões e as vivendas luxuosas ou adoravelmente singelas denunciam.

E enquanto aguardo o Verão para conhecer a Praia da Rocha vestida, de gala, eu penso com emoção nas praias da nossa Arrábida

Cabral Adão

Anúncio neste jornal de grande expansão em todo o País.

## Apontamento Literário

# “SOL ENTRE NUVENS”

Romance de J. DORES

O PROBLEMA dramático e social da mancebia, passou a ser, desde há muito, uma vulgaridade contemporânea. É uma ilícita vida conjugal, patenteada mais tarde ou mais cedo aos olhos do mundo — desse mesmo mundo que a ausculta, espreita, critica, propaga, para depois a esquecer e a olhar indiferente.

Nessa vida, vivida à margem de uma sociedade asquerosa com pretensões a burocratizar as suas mazelas, há dois pilares essenciais que a tornam indestrutível: o rebate de consciência por essa concubina, que permanece na sua impecabilidade, alheia às exigências ou convícios sociais, vivendo por detrás da cortina do mundo que a aponta, e que não dá aso a uma separação; e o amor — o amor talvez ilícito, mas sincero, dedicado, expontâneo, que os anos cimentaram, mas que a conventualidade da doutrinação e requisitos familiares, o não podem modificar.

Há, todavia, quem não compreenda tais factos, e os relacione, até, como uma das muitas excêntridades do nosso tempo; contudo, criar essa situação irregular e voltar as costas — por conveniências pessoais ou mesmo familiares — aos múltiplos problemas que dela podem sobreviver, abandonando uma frágil mulher que naquelas quatro paredes perdeu parte da sua mocidade, não é humano, é cobardia e é medo. Cobardia de enfrentar e resolver a responsabilidade dos seus actos; medo do «seu» mundo que o aponta, medo da triste realidade, nua e crua sem qualquer ficção que se lhe depara.

Foi o que verificámos quando acabámos de ler este último romance de J. DORES, e cujo título, «Sol Entre Nuvens», nos dá uma triste e pálida ideia do seu conteúdo a que o autor, num expontâneo antelóquio, lhe chama um simples romance de ficção. Mas a realidade que dele se emana, é tão sincera, adaptável e vivida, que ultrapassa o campo de ficção.

Não é possível filosofar nem escrever, sem primeiro viver, nem relatar sem sensibilidade, os dramas, os conflitos, as ansiedades, sem sentirmos o odor do real nessa história passional, emocio-

nante, vivida e arrancada, afinal, à tragédia de cada um. E essa história, conta-nos J. DORES, sem pieguice nem floreios, pelo contrário, demonstra um profundo conhecimento das misérias e grandezas da vida, traduzidas, sem rodeios, num realismo impressionante, a que não falta sinceridade e uma apurada sensibilidade.

Aborda o autor, um dos muitos casos de mancebia, da qual resulta, pela ordem natural das consequências, um filho que tem de ser considerado ilegítimo, porque o pai é casado e tem mais dois filhos. E o drama cruciante deste homem que pretende perfiar um filho inocente, fruto dum casamento tenaz e dum embate a que uma ardente paixão não foi estranha — brota, espraia-se, avoluma-se, e dá-nos uma trágica agureta da maldade dos homens que formam uma hipócrita sociedade, enquadrada numa perfeita e real psicofisiologia.

Ter-se de encarcerar uma pobre mulher que vive à margem da sociedade, por conveniências pessoais ou lançar um pobre inocente nos caminhos inexoráveis da ilegitimidade, não é humano, mas é dos nossos dias.

E quando, enfim, surge o final — um final subentendido — nós compreendemos, para além das páginas em branco, que o drama, aquela vida dual, vivida e sofrida em lares totalmente diferentes, continuará para todo o sempre. Di-lo o próprio pecador à amante descrente: «Vamos amanhã jantar a Cascais. Valeu?» E ela, nervosa, confusa, pergunta-lhe: «Não tens medo? E o teu mundo? E as tuas conveniências?» Não; não haverá jamais o medo do mundo e conveniências; haverá sim, uma esposa traída, que mais tarde, quando compreender a tragédia — antirrá na perfição do filho ilegítimo.

É assim este «Sol Entre Nuvens», em cujas páginas há uma verdade difícil de tragar... porque é uma amarga verdade dos tempos que correm.

Edição muito apresentável da «Agência Portuguesa de Revistas» com capa desenhada por José Villaret.

Emílio Valongo

TEM DE IR À CAPITAL?  
**PREFIRA A**  
**Pensão Évora**  
 — RESIDENCIAL —  
 O MAIOR CONFORTO  
 Aguas correntes em todos os quartos, quentes e frias  
**Preços módicos**  
 Rossio, 59-2.º, Dt.º - LISBOA - Telef. 367666

**ACOS**  
 suecos de qualidade para todos os fins

**serras • serrotes**  
 E DEMAIS FERRAMENTAS PARA AS INDUSTRIAS DE MADEIRA • CORTIÇA • CURTUMES E MINAS

fita de serra **KLOSTER**

**F. RAMADA, L.ª**  
 OVAR  
 LISBOA • PORTO • AGUEDA • LUANDA

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

representação portuguesa, srs. Conde de Penha Garcia, dr. Mário Neves e architecto Jorge Segurado, que frequentemente se tem deslocado a Bruxelas.

Vai apresentar-se aos visitantes da Exposição uma expressiva síntese da vida portuguesa, desde a época das navegações e da expansão até ao presente e às aspirações no futuro, dentro do tema do certame que é o da contribuição dos valores humanos para o estado actual de progresso do Mundo.

No intuito de fazer figurar o maior número de artistas plásticos no nosso Pavilhão, uma exhibição, tanto quanto possível completa, do panorama da arte portuguesa contemporânea foi resolvido que além das várias obras de arte que se integram nas suas diferentes secções, cerca de trinta artistas exporão ali sucessivamente, por um sistema de rotação, os seus trabalhos durante os seis meses em que o certame estará patente ao público.

Aos visitantes serão distribuídas, além de numerosas publicações históricas, turísticas e económicas, miniaturas dos jornais diários portugueses com elementos sobre a vida do país e o material exposto no Pavilhão. Poderão obter-se também informações completas sobre a Metrópole e o Ultramar português através de serviços que foram ali especialmente montados.

Junto do nosso Pavilhão, funcionará um restante que servirá, ao mesmo tempo, de local de recepção aos participantes nas numerosas reuniões internacionais que vão efectuar-se em Bruxelas, por ocasião da Exposição. A par da cozinha portuguesa confeccionada com produtos frescos (peixe, lagosta, frutas etc.) que seguirão regularmente de Portugal, por avião, haverá nesse restaurante secções especiais para a venda de vinho do Porto e de categorizados artigos regionais.

O «Dia de Portugal», a efectuar-se em 24 de Junho, será uma grande jornada de propaganda do nosso País, através de concertos musicais, exhibições coreográficas, espectáculos folclóricos, distribuição pelos visitantes de lembranças portuguesas.

Visado pela Comissão de Censura

SEMANARIO REGIONALISTA

## SAGRES E A UNIVERSIDADE

### DOS DESCOBRIMENTOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

deste assunto, em que um desencontro de ideias é flagrante, não pode deixar de merecer reparo a quem veja a questão com calma e bom critério.

A acanhada ideia de que a Sagres pouca gente iria ver o monumento, cai pela base. Por esta maneira de ver nunca se tinha restaurado o Castelo de Guimarães, terra que foi o berço da nossa nacionalidade.

Já é tempo de se começar a pensar que Portugal não é só Lisboa. A restauração de todos os monumentos históricos, obra digna de todos os elogios, não basta. E se bem que Porto esteja a tomar foros de uma grande cidade, mercê do seu admirável bairro, bem merecem as outras cidades, vilas e aldeias, se lhes dê o que hoje em dia é absolutamente necessária a todo e qualquer centro populacional, para a sua civilização e progresso, evitando-se, assim, as tentações emigratórias de tão prejudiciais consequências.

A universidade dos descobrimentos a iniciar na futura cidade de Sagres, cidade tipicamente portuguesa, construída nos moldes das relíquias ali existentes na vila do Infante, seria uma obra nacionalista de grande alcance histórico, a glorificar a memória do inclito barão que foi o Infante D. Henrique.

Portugal é um País tão pequeno, quanto ao seu território continental, que é pena se não aproveitem todas as suas belezas naturais, realçando todos os seus lugares históricos, que são muitos, para deleite dos seus naturais e justificado entusiasmo de todos os seus visitantes. Com bom gosto e adaptando aos nossos estilos arquitectónicos o que haja de aproveitar no estrangeiro, que obra linda se poderia realizar!

O nacionalismo deve limitar-se a discursos, a palavras: o nacionalismo deve ser a base de todos os empreendimentos, que construídos nas alicerces do passado, marque o nosso presente, com independência e características ricas, sem influências estranhas.

Ninguém põe em dúvida que Lisboa seja uma das cidades mais lindas do mundo. Mas não podemos deixar de convir, que o que marca bem a sua nacionalidade, são os monumentos que lhe ficaram no passado, como testemunhas da sua história de oitocentos anos de existência. O que agora se faz modernamente, não nos diz nada. Há trechos da cidade, que, sendo de Lisboa, podiam ser de qualquer cidade moderna — americana, australiana, sul africana, etc. etc.

Absolutamente fiéis ao passado, repudiamos tudo o que dele nos afasta.

A César o que é de César! E a Sagres, o Infante D. Henrique.

Macau, Março de 1958.

José de Carvalho e Rêgo

## UMA CRÓNICA POR SEMANA A ETERNA COMÉDIA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

que aqueles que levará para o estrangeiro. E é sempre muito preferível que assim aconteça do que desperdiçar as nossas preciosas divisas e desbaratar a nossa riqueza no pagamento de artigos importados — manufacturados e vendidos por estrangeiros.

De resto há sempre a possibilidade de regular os investimentos e de impor que a maioria do capital seja nacional ou nacionalizado. Temos em Portugal algumas poderosas empresas, estrangeiras que têm prestado ao país inestimáveis benefícios e que são a garantia do sustento de muitos milhares de portugueses ao mesmo tempo que vieram dar-lhes um nível técnico, económico e até cultural que não lhes seria fácil obterem de outro modo.

Países europeus há, mais ciosos das suas tradições, do seu desenvolvimento económico técnico e cultural que não desdenham, e até procuram, colaborar com os seus vizinhos ou com outras nações mais distantes.

### UM IMPORTANTE DIPLOMA

RELATIVO Á INDÚSTRIA DA PESCA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ser concedidas quando a embarcação a substituir, não reúna as condições relativas ao tempo mínimo de actividade estabelecidas no presente diploma.

No caso de naufrágio de uma embarcação, o pedido de autorização da construção de outra para a substituir terá de ser feito dentro do prazo de um ano, a partir da data do reconhecimento oficial do dito naufrágio.

A's grandes reparações, reconstruções e substituições de cascos de embarcações registadas em pesca sujeitas a regimes de condicionamento são aplicáveis as exigências respeitantes ao tempo de actividade estabelecido no artigo 1.º e no seu § 1.º e bem assim, as excepções previstas no seu § 2.º.

As embarcações que à data da publicação do presente diploma se encontrem em inactividade há mais de dois anos e as que tenham naufragado só poderão ser substituídas por novas unidades desde que os seus proprietários o requeram dentro do prazo de seis meses e apresentem razões, que sejam consideradas justificadas, da referida inactividade.

Entre eles podemos apontar a França, a Espanha, a Bélgica, a Holanda e vários outros.

Quais são as vantagens que se nos oferecem atraindo-nos entre muros, com a mais nobre das intenções mas com a mais mediocre largueza de vistas? Hoje em dia, nem a técnica nem capitais, por mais evoluídas que esteja aquela e por mais abundante que sejam estes podem dispensar a colaboração e cooperação dos outros povos.

Orgulhos tacanhos ou falsas teorias não têm mais qualquer justificação.

Impedir-se a instalação de uma fábrica ou o desenvolvimento de uma indústria unicamente porque são estrangeiros os capitais ou as pessoas é um argumento débil e impróprio da nossa época.

E' muito mais lucrativo para o País e contribui mais para o aumento do nosso nível de vida procurar que se produzam cá os produtos e os artigos que vamos comprar lá fora, do que continuar a manter uma importação exagerada que de todo nos condiciona ao estrangeiro. A importação é muito mais ruína económica do que o emprego de capitais estrangeiros na nossa indústria.

O que importa realmente é que os portugueses tenham trabalho e melhorem as suas condições económicas, ao mesmo tempo que disfrutem de uma aprendizagem técnica indispensável à vida moderna.

Os portugueses têm tanto valor como os outros povos mais evoluídos, precisam de oportunidades para mostrarem a capacidade de que são possuídos. Os capitais estrangeiros, embora não sejam de desejar, são um meio que pode ser posto ao seu alcance para o conseguirem. A riqueza de um país acenta no valor e capacidade realizadora dos seus homens. O contacto com os estrangeiros dar-nos-á a medida exacta das nossas possibilidades e contribuirá para que nos saibam apreciar melhor. Quanto basta é que saibamos tirar desse contacto todo o proveito. Desprezar um bem que se nos oferece não é lógico nem inteligente.

A riqueza deve ser trazida pela produção e não pelos direitos alfandegários. Aquela é uma riqueza real e fecunda, está é uma riqueza fictícia e ruína. São os direitos alfandegários que podem ser impostas à indústria para defesa deles que nos levam à ruína. Procurar substituir pela produção a importação e o caminho exacto, o único que poderá trazer-nos o desatogo económico de que tanto precisamos.

José dos Santos Marques

dins tristes e solitários, amarrando num lenço levemente perfumado o rosto lacrimoso e indiferente à vida exterior. Ele sabe, afinal, que a sua jovem esposa não quiz submeter-se a uma melindrosa intervenção cirúrgica sem anestesia que acabaria de vez com a esterilidade de que ela é possuída; compreendeu, embora tarde o reconheça, que tal intervenção acabaria, talvez, por lhe dar o tão desejado filho que subiria um dia os degraus da hereditariedade monárquica, mas afastaria a mãe das digressões pelo ocidente, dos «ateliers», dos «dancings» e dos campos de «ski», e a prenderia para todo o sempre a uma corte de hipócritas e imundos intriguistas.

Casaram por amor, segundo rezam as crónicas persas, amaram-se como uma só vez se pode amar — mas o amor, quer seja de reis ou de plebeus, tem de ter as raízes que o uma pela vida fora, e a esterilidade duma esposa, pouco interessará ao marido, mas interessa particularmente a um povo que espera desesperadamente um herdeiro ao trono, e principalmente se tais leis inexoráveis são rigorosamente executadas por homens ríspidos e aduladores perante um monarca sem vontade própria.

Contudo, o sacrifício de meia hora de sofrimento sem anestesia, mas que resultaria como lho afirmaram vários clínicos — era de mais para esta mulher que vivia de olhos tristes num palácio onde cada um dos seus passos eram seguidos e criticados, num palácio magestoso, de jardins sonhadores como no-lo contaram os trovadores em noites de luar, onde imperava a riqueza e o luxo, e que atraves dumas janelas sem grades estendia-se o quadro bizarro e anacrónico de um povo que lutava com a fome, e miseros farrapos se arrastavam esmolando pelas ruas!

Não, o seu dilema era cruciante; mas perecer na flor da vida para bem de um povo, deixando para trás o sol radioso da Europa que a acariciava, isso era contrário a si própria. E falou-se na substituição por outra mulher, e finalmente no divórcio; a rainha dos olhos tristes aceitou o divórcio.

Na Pérsia, cuja religião é muito diferente da católica, é permitida a separação dos cônjuges, divorciando-se ou separando-se judicialmente, quando existam bases suficientes que possam dissolver o casamento. E ante tal concessão, os cônjuges procuram novos horizontes, e neles reconduzir a felicidade perdida — não ficando eternamente agarrados a um passado que pode ter os seus reflexos prejudiciais num futuro que se avizinha.

E não sómente na Pérsia, como em muitos outros países, verifica-se a revisão das legislações para libertar o contracto matrimonial das algemas que o manietam, proporcionando aos interessados um novo caminho na vida, quando, claro está, razões superiores exijam tal separação.

O caso, entre nós, toma proporções assustadoras, porquanto os que casam religiosamente ficam enlaçados por um único laço indissolúvel — e os que se não entendem ou tarde de mais compreendem a inutilidade de «fingir» um bom viver, recorrem a uma separação ilegal tentando novos amores e um novo viver, que redundam na tão criticada mancebia.

Da constituição de um pseudo lar — assim lhes permite a mancebia — há as habituais vítimas dessa situação irregular: os filhos, os tais filhos ilegítimos duma sociedade que sómente pretende reconquistar a felicidade perdida.

E por esse país fora, quantas situações irregulares não viverão à margem da lei que os condenou, não lhes permitindo a anulação dum casamento fracassado?

A nossa moral cristã, pregada por Cristo e seguida pela Igreja que O representa, defende os interesses da família e, estamos de acordo, até onde lhe seja possível, a estabilidade de um lar religiosamente formado. Mas, toda-

via, continuar a não permitir a dissolução dum matrimónio quando para isso contribuem motivos superiores, é impossibilitar milhares de almas desesperadas a não formarem jamais um lar onde possam reencontrar a efêmera felicidade sonhada um dia distante!

Somos por Deus e pela Igreja que O representa — mas no meio de tudo isto consideramos que a lei é dura, principalmente quando homens de má vontade se não compreendem e esquecem que deles depende a reorganização de um vida!

Emílio Valongo

## O SÍTIO DE BRANCANES

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

de, porém é que administrativa falando, assim o é...

Esta situação como facilmente se depreende, trás grandes inconvenientes e transtornos para os habitantes do Sítio de Brancanes, mormente para as dezenas de residentes dos Bairros Camona, Económico e Pescadores. O mais insignificante acto oficial tem que ser tratado na sede da freguesia que fica, repetimos, a 4 Kms., 5 de distância, com a agravante das repartições paroquiais, dado o seu carácter rural, não estarem permanentemente abertas, só em certas horas e dias da semana; qualquer operário, empregado comercial ou industrial, etc., têm de perder, assim, o mínimo de meio dia de trabalho, quando necessitam de qualquer documento ou simples visto, ou quando têm de cumprir qualquer dever cívico, como o de votar, além de assuntos urgentes terem de esperar, por vezes, três ou quatro dias para solução, porquanto a presença dos membros que compõem aquele Corpo Administrativo, é incerta em virtude dos mesmos residirem afastados do local da sede.

Além disso, o Secretário da mesma, o Senhor Joaquim da Ponte, (a única pessoa esclarecida sobre assuntos paroquiais) exerce a sua actividade em Olhão. Posto isto, a solução que se nos afigura mais eficiente — dentro da nossa modesta de ver — seria a incorporação na freguesia de Olhão da pequena parte da freguesia de Quelfes que actualmente está abrangida pela área urbanizada de Olhão, ou seja o Sítio de Brancanes, pois, solucionar o problema aqui exposto e enriquecia ao mesmo tempo a freguesia de Olhão — desejo do povo olhanense e a que não se oporia, certamente, os habitantes de Quelfes, constituindo-se, assim, uma velha aspiração...

Se tal medida por qualquer motivo não seja viável, porque não funciona o expediente, numa das Casas do Bairro Marechal Carmona? Facilitaria e satisfaria os habitantes de Brancanes, os quais deixariam de fazer «constantes marchas» para verem solucionados os seus problemas. Além disso este nosso alvitre não é inédito...

Criar a Freguesia de Brancanes?

Eis outra solução, sendo esta medida, a nosso ver, não ser a melhor.

E' que o Sítio de Brancanes não é tão populoso como se apregoa...

A nova Freguesia a criar terá rendimentos suficientes a manutenção dos seus serviços? Há possibilidades de ter os serviços permanentemente a funcionar? Pois constituindo-se nova freguesia isso implicaria mais despesas de instalação e a reduzida população de Brancanes não justificaria a criação da despeza certa originada.

Dividir é enfraquecer, pois, a União Faz a Força.

As soluções de momento mais adequadas residem aqui: — (ou se integra o Sítio de Brancanes na freguesia de Olhão ou a Freguesia de Quelfes passa a ter, como em tempos, uma Delegação a funcionar numa das Casas do Bairro Marechal Carmona).

Eis, quanto a nós, as melhores soluções a pôr em marcha. Enfim um caso que tanto tem dado que falar e que, certamente, está a merecer das Entidades locais o melhor interesse, acolhimento e carinho.

H. V.

O «Noticias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.



Palácio da Pena — SINTRA

Duas Referências

CHALLENGE



TELAS BETUMINOSAS



Cinema Restolo — LISBOA

90 % das construções em Portugal são impermeabilizadas com o nosso sistema de camadas multiplas de

TELAS-MASTICS

10 anos de garantia

100% de Impermeabilização

71,5 % de Isolamento

Pedidos aos serviços técnicos de:

V. T. MARTINS

Rua da Prata, 59 - 3.º Esq. Telef. 23690

LISBOA

## VENDE-SE

Um prédio na Rua S. João de Brito n.º 92 e 94

INFORMA:

Lino de Oliveira

VILA REAL DE SANTO ANTONIO